

ARTE NEGRA E ARTE AFRO-BRASILEIRA: UMA RACHADURA INTERSECCIONAL

ALAN CAETANO CANDIDO¹; NEIVA MARIA FONSECA BOHNS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – alanccandido1@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bohnsventos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir os conceitos de Arte Negra e Arte Afro-brasileira. Demais conceitos serão também mencionados, porém, os dois são o foco de análise. A pesquisa tem como objetivo investigar o que ambos os segmentos conceituais buscam representar e se existe distinção entre eles. Contarei com as considerações de Roberto Conduru, Hélio Menezes, Maurício de Castro, Myrian dos Santos, Dária Jaremtchuk, Doris Salcedo, entre outros pensadores, para explorar os aspectos que fazem de tais tendências ricos campos de expressão, considerando a grande ocorrência de produções relacionadas ao campo de estudos da decolonialidade. As imagens ganham espaço nesta discussão, não apenas como forma de representar visualmente os elementos citados ao longo do texto, mas principalmente pelo que simbolizam por si próprias.

A abordagem teórica será relacionada à ideia de “rachadura interseccional”, conceito aqui desenvolvido para simbolizar o limbo posto entre diferentes denominações artísticas que falam de aspectos semelhantes. Num universo conceitual de alta heterogeneidade, coloco a etnia como ponte e me coloco como itinerante, migrando de um domínio a outro, procurando por entendimento nessa encruzilhada de diferentes raciocínios. Foi a partir desse desejo de compreensão enquanto sujeito negro, que lancei mão desta pesquisa.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter qualitativo. Os resultados e discussões serão introduzidos a partir da ideia de rachadura interseccional, que dá sentido à forma como organizo e distribuo os diferentes conceitos abordados no texto. Os principais conceitos, Arte Negra e Arte Afro-brasileira, serão apresentados em duas subseções para melhor serem contextualizados. A análise da imagem de uma obra de arte, fortemente simbólica, acompanha o trabalho: *Shibboleth* de Doris Salcedo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Rachadura interseccional

A artista colombiana DORIS SALCEDO em *Shibboleth* (2007), instalação disposta na Tate Modern, Londres, trabalha com a questão da ruptura a partir da representação de uma cisão que divide o chão do *Turbine Hall*. Em entrevista concedida à equipe da galeria no mesmo ano em que o trabalho foi exposto, SALCEDO diz pensar o trabalho a partir dos cruzamentos de fronteiras. Ao mesmo tempo que SALCEDO traz à tona o lugar do imigrante, ela o localiza em meio a essa rachadura, buscando se encontrar. Nesse panorama, ela foca nos perigos de cruzar as fronteiras e nas relações que se estabelecem a partir das intersecções entre indivíduos de diferentes lugares. A instalação que apresenta uma rachadura

sob medida linear de cento e sessenta e sete metros (177 metros), acompanha uma malha que permite as pessoas observarem de dentro ou fora. Segundo SALCEDO, fica a critério do espectador a maneira como ele quer ver; o fato é que essa ruptura mantém as pessoas afastadas.

Do meu lugar, me sinto também representado: um interno no sistema das artes, que se coloca aqui como debatedor dessas questões que tratam de exclusão. Também me vejo tentando reunir esses fragmentos de conceitos em disputa e compreender, a partir deles, o que lhes diferencia e que discurso eles buscam legitimar.

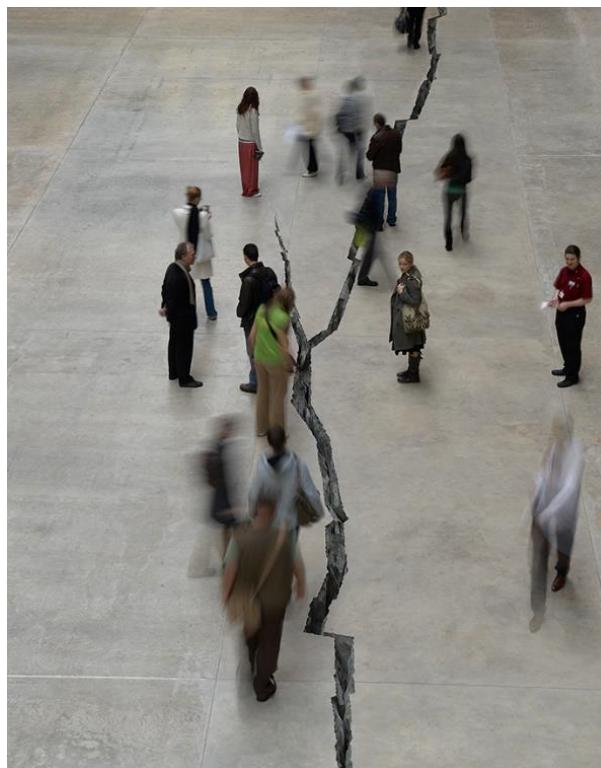


Figura 1. Doris Salcedo, *Shibboleth* (detail), 2007, Turbine Hall, Tate Modern, London. Foto: Stephen White. Fonte: <<https://www.bowdoin.edu/art-history/student-research/index.html>>

Da Arte Negra

Em *Abdias do Nascimento e o Museu de Arte Negra* (2019) MAURÍCIO DE CASTRO e MYRIAN DOS SANTOS buscam resgatar a trajetória de vida do ativista, escritor e artista, focando principalmente naqueles que são dois de seus maiores projetos: o Museu de Arte Negra (MAN) e o Teatro Experimental do Negro (TEN)¹. Além do interesse pelas artes e pela escrita, Abdias do Nascimento² se destacou como militante político dos direitos civis dos negros, sendo hoje, um referencial no que tange às questões de negritude no Brasil.

¹ IPEAFRO. Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros. SP, 1981. Disponível em: Acesso em: 10 de ago. 2022.

² Abdias do Nascimento (1914-2011) era natural de Franca, município situado no interior do estado de São Paulo. Nascido em uma família negra, conheceu o ativismo ainda jovem. Ao longo da vida se destacou como professor, escritor, artista e político, militante das causas negras. Dentre seus grandes feitos estão o Teatro Experimental do Negro (TEN) e o Museu de Arte Negra (MAN), projetos que desdobraram ações importantes em torno dos interesses da população negra no Brasil, sendo um deles, a articulação do conceito de Arte Negra dentro do setor cultural do país.

Em *Abdias do Nascimento nos Estados Unidos: um “pintor de arte negra”* (2018), DÁRIA JAREMTCHUK define a arte de Abdias como uma produção voltada para a representação de orixás e para elementos diversos que compunham a cultura religiosa africana naturalizada no Brasil, produção esta que, compõe a temática da Arte Negra. Segundo ela, conforme suas obras se multiplicavam e ganhavam notoriedade, passavam então a serem expostas em instituições – “em sua grande maioria eram espaços culturais e universitários, vinculados a departamentos especializados em temas afro-americanos, latino-americanos ou, especificamente, porto-riquenhos, ou então galerias ou museus voltados à cultura negra em geral” (p. 265).

Da Arte Afro-brasileira

Para entender o que é arte afro-brasileira, conto com as observações de HÉLIO MENEZES em *Exposições e críticos de arte afro-brasileira: um conceito em disputa* (2022) para interpretar as contribuições compartilhadas por Emanoel Araújo em entrevista com OSWALDO FAUSTINO. Em *Museu Afro Brasil: 10 anos de reivindicações das africanidades* (2014) – entrevista publicada pelo jornalista na revista O Menelick 2º Ato –, Emanoel Araújo³ coloca que “arte afro-brasileira existe e não existe” (FAUSTINO, 2014, apud. MENEZES. 2022, p. 206).

Independentemente da perspectiva de cada um, caracterizar essa tendência artística como um conceito “instável”, conforme referido por Menezes, me parece um bom começo para uma compreensão básica. Segundo pontua MENEZES, “mesmo as designações são diversas: arte negra, afrodescendente, preta, diáspórica, afro-orientada, de matriz africana – quando não arte naïf ou “popular”, simplesmente”. (p. 207).

KABENGELE MUNANGA em *Arte afro-brasileira: o que é, afinal?* (2019), por exemplo, identifica na noção de “arte negra” elementos que poderiam operar como um dispositivo mais inclusivo, etnicamente falando. Alguma concepção artística que remetesse a uma “noção mais ampla, não biologizada, não etnicizada e não politizada” como a arte afro-brasileira, que nesse caso se apresentaria como uma solução (p. 19).

Em *África, Brasil e Arte – Persistentes desafios* (2021), ROBERTO CONDURU procura interpretar obras de Abdias do Nascimento, Clarival do Prado Valladares (1918-1983), Marianno Carneiro da Cunha e Emanoel Araújo (1940), entre outros artistas, para compreender as particularidades existentes entre os conceitos de “arte negra” (1950) e “arte afro-brasileira” (1980). CONDURU considera também o contexto excludente imposto a essas temáticas em relação ao modelo perpetuado e branco do meio artístico no Brasil, modelo este, questionado pelo pensamento e obra de Mestre Didi (Deoscóredes Maximiliano dos Santos) e Hélio Oiticica.

O que MENEZES (2022) entende por “categoria de significado elástico” (p. 208) quando se refere ao termo ‘arte afro-brasileira’, eu interpreto de maneira diferente. Para mim, é como se essa categoria se fragmentasse em diversos sotaques artísticos. É como se todas quisessem falar sobre o que lhes é emergente, porém, cada qual de acordo com sua prioridade. Essa espécie de limbo de

³ Emanoel Alves de Araújo, natural de Santo Amaro da Purificação (BA), nasceu no ano de 1940. Artista multimídia, atua como escultor, ilustrador, desenhista, figurinista, cenógrafo, pintor, gravurista, curador e museólogo. Em 1959, lançou sua primeira exposição individual, mudando-se em seguida, para Salvador, onde cursou Belas Artes na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

subjetividades segregadas que se forma no interior de tais conceitos em disputa, acaba, em minha visão, por dificultar o diálogo entre os objetivos dessas artes enquanto linguagens.

4. CONCLUSÕES

Tal como *Shibboleth* de SALCEDO afasta as pessoas, essa disputa por legitimação entre conceitos afasta elementos de um mesmo universo e divide a perspectiva do espectador. Com o auxílio dos autores abordados entendemos, portanto, que apesar de complementares, as nomenclaturas de arte negra e arte afro-brasileira apresentam distinções. Ainda que sejam diferentes e se inclinem a objetivos distintos também, ambas falam de um lugar em comum: da diáspora. Dada a complexidade do assunto, a afirmação de Araújo de que “a arte afro-brasileira existe e não existe”, nos apresenta uma metáfora de contínua construção e desconstrução cultural. Acredito que esse seja um processo comum na construção da arte e da cultura de um povo que busca visibilidade entre seus diversos grupos e significações. Tais fissuras evocam um caráter fronteiriço, daquilo que faz migrar entre arte e etnia, entre diferentes afro-sotaques buscando novas definições.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, M. B. de; SANTOS, M. S. dos. *Abdias do Nascimento e o Museu de Arte Negra*. MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 3, n. 3, p.174 189, set. 2019.

CONDURU, Roberto. (2021). ÁFRICA, BRASIL E ARTE – PERSISTENTES DESAFIOS. ARS (são Paulo), 19(42), 265–308. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.187482>

JAREMTCHUK, Dária. *Abdias do Nascimento nos Estados Unidos: um “pintor de arte negra”*. Estudos Avançados. 2018, v. 32, n. 93.

MENEZES, Hélio. *Exposições e críticos de arte afro-brasileira: um conceito em disputa*. Art&Ensaios, Rio de Janeiro (RJ), V. 28, n. 43, 2022.

MUNANGA, Kabengele. Arte afro-brasileira: o que é afinal?/ Afro-brazilian-art: What is it, after all? v. 6 N.1, 2019.